

Ribeiro, G.¹;
Dória, R.G.S.¹;
Di Filippo, P.A.¹;
Dias, D.P.M.¹;
Gomide, L.M.W.¹;
Valadão, C.A.A.¹

Pitiose cutânea eqüina - Relato de sete casos

1- Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Universidade Estadual Paulista – Campus de Jaboticabal – SP

A pitiose é uma enfermidade granulomatosa crônica causada pelo Oomiceto *Pythium insidiosum* que representa um grave problema para a criação de eqüinos, especialmente em regiões alagadiças. Comumente, a pitiose eqüina ocorre em diferentes faixas etárias, independente da raça, localizando-se principalmente na porção distal dos membros, região ventral do abdômen, tórax, pescoço e cabeça, em virtude do contato freqüente dessas regiões com a água e os restos vegetais contaminados. A enfermidade caracteriza-se por lesões granulomatosas, ulceradas, com superfície irregular, à semelhança de um coral, apresentando secreção viscosa serosanguinolenta, hemorrágica ou, em alguns casos, mucopurulenta. A ferida contém numerosos focos necróticos com aspecto arenoso e coloração que varia entre o amarelo e o cinza denominados “kunkers”. A pitiose merece destaque pela dificuldade de tratamento e pelo risco que representa para a vida de animais e humanos afetados. Este artigo descreve sete casos de pitiose cutânea diagnosticados clinicamente e pela avaliação histopatológica das lesões. Foram atendidos durante o ano de 2003, sete eqüinos de diferentes raças, de ambos os sexos e com idade variando entre 2 e 18 anos, para avaliação de feridas de difícil tratamento que tinham, em média, dois meses de evolução. Os animais eram provenientes de cidades do interior do estado de São Paulo e no histórico destacava-se o fato de que todos os animais eram ou já haviam sido criados nas proximidades de áreas alagadas. Ao exame clínico verificou-se a presença de lesões granulomatosas, ulcerativas, pruriginosas e com secreção mucopurulenta. Dois animais apresentavam uma única lesão e os outros possuíam lesões múltiplas distribuídas nas extremidades dos membros anteriores e posteriores, prepúcio e cabeça. Macroscopicamente, observou-se ao corte das lesões a presença de massas branco amareladas de aspecto arenoso (kunkers). Secções transversais revelaram áreas irregulares, necróticas, formando vários trajetos fistulosos. A avaliação histopatológica revelou necroses extensas de tecido epitelial associado a um marcante afluxo inflamatório de neutrófilos, edema perivascular e várias áreas extremamente eosinofílicas e perifericamente foram encontradas hifas fúngicas. O tratamento consistiu-se na ressecção cirúrgica da massa granulomatosa seguida de cauterização com ferro em brasa associado a administração oral de iodeto de potássio na dose de 50g/dia por um período de, em média, 30 dias. As lesões regrediram gradativamente e em torno de 60 dias estavam completamente cicatrizadas. A maioria dos casos de pitiose cutânea, em eqüinos, citados na literatura, relata apenas uma lesão em cada animal, porém, lesões cutâneas multifocais, como foram observadas nesse estudo, também têm sido descritas. O diagnóstico histopatológico de pitiose baseado exclusivamente na coloração GMS e características morfológicas dos fungos, como realizado nesse estudo, não é suficiente para fornecer um diagnóstico definitivo de *P. insidiosum*, mas existiram fortes indícios de que as lesões foram causadas por este agente, baseadas no histórico e nas características das lesões. No tratamento químico da pitiose, as drogas mais utilizadas até o presente momento foram a anfotericina B, cetoconazol, miconazol, fluconazol e itraconazol, além dos compostos iodínicos como os iodetos de potássio e sódio, porém os resultados obtidos com essas drogas antifúngicas têm sido variáveis, tanto *in vitro* como *in vivo*. O tratamento tradicional da pitiose eqüina é o cirúrgico, realizando-se a excisão de toda a área atingida, o que é dificultado pelas estruturas anatômicas envolvidas, principalmente nos membros. Em geral, o tratamento cirúrgico apresenta bons resultados apenas em lesões pequenas e superficiais, nas quais seja possível a retirada de toda a área afetada. Chaffin et al. relataram o sucesso do tratamento cirúrgico seguido de iodeto de potássio, entretanto, Meireles et al. não obtiveram bons resultados. Nesse estudo concluiu-se que a excisão cirúrgica e cauterização do granuloma associado a administração de 50g/dia de iodeto de potássio, via oral, por 30 dias é uma terapia de sucesso para lesões de pitiose cutânea com aproximadamente dois meses de evolução.